

KIMPA VITA E O MOVIMENTO ANTONISTA: ENTRE O RELIGIOSO E O POLÍTICO



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 02 | N°. 3 | Ano 2021

Abel Calombo Quijila

Larissa Oliveira e Gabarra

KIMPA VITA AND THE ANTONIST MOVEMENT: BETWEEN
RELIGIOUS AND POLITICAL

RESUMO: Este presente artigo foi pensado a partir da trajetória de vida da Kimpa Vita, uma mulher oriunda de família de classe nobre que conseguiu formar um movimento messiânico, denominado Antonista. Dentre outros, um dos objetivos deste movimento era restaurar a paz, pois as guerras, assim como os conflitos políticos e religiosos, influenciados pelos padres e comerciantes estrangeiros, eram constantes no reino do Kongo. Portanto, por causa da sua influência social no reino, ela conseguiu enfrentar o catolicismo romano e conseqüentemente desestabilizar o tráfico negreiro vigente no reino na virada do século XVIII. E com a crescente popularidade de seu movimento dentro do reino, Kimpa Vita acabou por sofrer duras perseguições políticas e religiosas, que segundo o historiador angolano Simão Soundoula, foi capturada e condenada a morrer na fogueira ardente em 1706, junto de seu “filho” em uma praça pública.

PALAVRAS-CHAVE: Kimpa Vita; Movimento Antonista; Oralidade; Catolicismo Romano; Política.

ABSTRACT: This article was thought from the life trajectory of Kimpa Vita, a woman from a noble class family who managed to form a messianic movement, called Antonist. Among others, one of the goals of this movement was to restore peace, as wars, as well as political and religious conflicts, influenced by foreign priests and traders, were constant in the Kongo kingdom. Therefore, because of her social influence in the kingdom, she was able to confront Roman Catholicism and consequently destabilize the slave trade that prevailed in the kingdom at the turn of the 18th century. And with the growing popularity of her movement within the kingdom, Kimpa Vita ended up suffering harsh political and religious persecution, who, according to the Angolan historian Simão Soundoula, was captured and condemned to die at the burning stake in 1706, along with her “son” in a public square.

Site/Contato

Editores

Cinthia Nolácio de Almeida Maia
cinthianolacio@yahoo.com.br

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

KEY WORDS: Kimpa Vita; Antonist Movement; Orality; Roman Catholicism; Politic.

KIMPA VITA E O MOVIMENTO ANTONISTA: ENTRE O RELIGIOSO E O POLÍTICO

ABEL CALOMBO QUIJILA ¹
LARISSA OLIVEIRA E GABARRA ²

INTRODUÇÃO

Quando pretendemos estudar sobre as sociedades africanas, a expressão “tradição oral” é utilizada com frequência e de diferentes formas por vários estudiosos que a ela dedicaram as suas investigações. Segundo o historiador e escritor maliano Amadou Hampaté Bâ (1982), na tradição oral existe a vertente didático-pedagógica, por causa da sua importância na transmissão dos conhecimentos de um povo, considerando que ela é a grande escola da vida. Portanto, quando olhamos para a tradição oral angolana, percebemos como ela também se construiu a partir de provérbios, contos, canções, adivinhas, fábulas, poesias, danças e diversas narrativas, que ao longo de séculos foram passando de boca em boca, tendo começado a ser fixada pela escrita ainda no século XX por autores como Óscar Ribas (1952).

Essa tradição garante a continuação dos hábitos e costumes da ancestralidade por vários povos que compõem o mosaico cultural de Angola. Por exemplo, para os bakongo, povo em análise, a tradição oral é de capital importância para a transmissão da filosofia de vida nas suas comunidades, em destaque às crenças aos espíritos dos seus ancestrais que ainda são venerados e isso é indiscutível para eles, pois é uma premissa essencial para a perpetuação do seu legado cultural enquanto povo. Kimpa Vita além de estar registrada em documentação europeia, também está presente na oralidade em Angola. Sendo assim, é mais uma ferramenta que fortifica essa presença, a própria tradição oral e a importância de recontar a história gloriosa do reino do Kongo para os bakongo e outros povos da atual Angola, os dois Congo e Gabão, como também a importância desta mulher, uma personagem histórica para a construção da identidade nacional.

Segundo o historiador norte-americano John Thornton, a tradição oral foi o pilar para a produção das narrativas sobre Kimpa Vita, nos seguintes relatos:

Os escritores bakongo desde o início do século XX registraram por escrito, geralmente em Kikongo, informações históricas que outrora eram transmitidas oralmente. [...] Os bakongo mantiveram uma tradição oral com implicações históricas, particularmente as histórias de famílias e clãs [...] Além disso, a mais intensa coleta e publicação de tradições relacionadas mais às províncias do

¹ Bacharel em Interdisciplinar em Humanidades, Licenciando em História, mestrando em Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). abelcalombe@gmail.com

² Orientadora, Graduada e mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia, é doutora pela Puc-Rio, em 2009, em História Social da Cultura. Iniciou seus estudos sobre as tradições de matrizes africanas no Brasil, especificamente Minas Gerais, por meio de História Oral e Antropologia Visual. larissa.gabarra@unilab.edu.br

norte do Congo no Zaire moderno (renomeada Congo em 1997) e menos da região onde Dona Beatriz viveu e trabalhou, bem como das terras das grandes famílias reais do Kongo que ficavam em Angola [...]. (THORNTON,1997, p.4 e 5)

Razão pela qual esse trabalho e de outros intelectuais não deixa de ser uma consequência dessa tradição oral, pois esse conhecimento serviu como um dos suportes aos pesquisadores para enriquecer a produção escrita sobre ela. Ao discorrermos sobre a história do reino do Kongo é impossível não destacar a trajetória do movimento Antonista fundado por Kimpa Vita, conforme destaca o historiador norte-americano Thornton, na sua obra “The Kongolese Saint Anthony: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684–1706”:

“Os anos do movimento de Dona Beatriz são alguns dos melhores documentados na história do Kongo, que por si só é provavelmente o estado mais bem descrito da África Atlântica no período...” (THORNTON,1998, p.2).

Discorrer sobre Kimpa Vita e o seu movimento é referir-se à resistência, e corroboro plenamente com a citação acima, pois de fato a sua história agudizou e transformou o reino do Kongo entre os séculos XVII e XVIII, tornando-a muito mais interessante. Não é à toa que a sua narrativa histórica deixou muitos legados imprescindíveis para o povo bakongo, assim como na diáspora. Infelizmente o acesso a essa documentação em português, escrita por pensadores lusófonos, não é tão fácil de se encontrar, pois a maioria das produções escritas sobre ela se encontram na língua inglesa, francesa ou em outras línguas ocidentais, seja no campo acadêmico, seja na literatura e artes.

1.1- Apresentação do reino do Kongo

Segundo o livro História Geral de África volume IV, o historiador Jan Vansina (2010) nos apresenta de forma objetiva o surgimento do reino do Kongo, no seguinte relato:

Nimi Lukeni fundou-o quando cruzou o rio, depois de deixar Bungu, no Mayombe, e foi conquistar a chefiaria ambundu de Mbanza Kongo. Ali ele “dividiu” o poder, e, em seguida, conquistadores e nativos se misturaram, “os nobres com os nobres, a gente comum com a gente comum (VANSINA, 2010, p. 648; 689).

Norteando-se ao pensamento do historiador africano Jan Vansina (2010), o reino do Kongo emerge como de modo centralizado, sob a visão imperialista do soberano Nimi Lukeni sobre os outros territórios. Ainda segundo Jan Vansina (2010) as principais rotas comerciais

levavam à capital: de Luanda lhe vinham os nzimbu³; do baixo Zaire chegavam o sal marinho e outros produtos locais (peixes, cerâmicas, cestos); do lago Malebo provinham a rafia e outros artigos da região, especialmente cerâmicas; uma quarta rota servia ao transporte de cobre do Mbamba, e talvez de cobre e chumbo obtidos ao norte das cataratas do rio; finalmente, outra estrada trazia artigos de Matamba (VANSINA, 2010, p.652).

Para Larissa Gabarra (2009), o recorte temporal da grande influência do Reino do Kongo na região da África central, para que seja mais fortalecido ou mais fragmentado, é desde o século XIII até o século XVIII. Na visão do historiador brasileiro Chantal Luís da Silva (1997), no século XV, o Reino do Kongo não se localizava onde hoje é o Congo que conhecemos, referenciado na cidade de Mbanza Kongo, no norte de Angola, pois a sua superfície se estendia dessa região até o que hoje conhece-se como sul do Gabão. Um pouco mais ao sul do Kongo estava o reino de Ndongo, que intitulava seu soberano como Ngola, por isso a região foi denominada pelos europeus de Angola. Luanda, capital de Angola atual, estava localizada nessa área e foi nesse ponto onde os portugueses fizeram sua primeira grande fortaleza e mantiveram sua influência durante os cinco séculos de tráfico. Pode-se afirmar que o Ndongo, de certa forma, constituía-se como estado vassalo para o Kongo, apesar de manter sua independência.

O reino do Kongo era constituído por aproximadamente nove províncias, das quais gostaria de destacar Soyo, Nsudi, Mpemba, Mbamba e Mbata, que eram as principais províncias. Mpemba era a província política, na qual eram tomadas todas as decisões políticas do reino. No entanto, sua capital era no interior, o que deu a província de Soyo, por sua localização no litoral, com inúmeros centros de embarques para o Atlântico, a condição de província mais importante economicamente, e conseqüentemente a sede do reino, após o contato com os portugueses no ano 1482, quando desembarcaram na foz do rio Zaire (Soyo). Segundo John Thornton (1998), a província de Kibangu era considerada o local de reverência religiosa, posto que nesta província existia a nascente de cinco rios que fluíam da montanha e percorriam o caminho em todas as direções. Portanto, para os bakongo, o rio representava uma obra prima sagrada criada por Nzambi Ampungu e as suas correntes simbolizavam o ciclo da vida das pessoas.

Quando os portugueses chegaram na foz do rio Zaire, em 1482, três sobas⁴ estavam em guerra, expressando uma situação de disputas políticas, que para o autor eram frequentes no reino do Kongo e chegavam a causar instabilidade no cenário político centralizado (CHANTAL,1997). Quando os invasores portugueses perceberam estas instabilidades,

³ Era uma concha que circulava como uma moeda valiosa naquela região.

⁴ O autor Chantal se utiliza da palavra “soba” para designar os chefes locais. Naquele período a melhor palavra para designar esses chefes seria Mwata ou Mfumu, que são originárias da própria língua Kikongo. Soba é uma denominação para esses chefes utilizada nos séculos XIX e XX. Sobas são líderes tradicionais em Angola que velam pela ordem social nas aldeias, normalmente são eleitos segundo as linhagens e são sempre vistos como o ancião, conselheiro e solucionador das íntimas nas aldeias.

introduziram nas trocas comerciais as alianças políticas e religiosas, começando pelo catolicismo, tal como John Thornton descreve:

“[...] Muito antes de os marinheiros portugueses terem entregue os primeiros sacerdotes cristãos no Kongo em 1491, os bakongo acreditavam que, quando as pessoas morriam, não iam para um submundo distante ou para o céu.” (THORNTON, 1998, p. 29).

Os invasores portugueses encontraram grandes dificuldades com o seu projeto expansionista cristão nas terras bakongo, porque para além dos povos encontrados professarem as suas espiritualidades, segundo Patrício Batsíkama (2021), na cosmogonia Kôngo “o culto aos ancestrais e a poligamia”, constituíam o suporte da organização social (BATSÍKAMA, 2021, p. 35). Dessa forma, esse suporte de organização social estava interligado com o poder das terras, que através dos casamentos entre os diferentes clãs ou famílias mantinham a administração dos territórios, e os bakongo sabiam que aceitando o catolicismo perderiam todos esses pactos entre os clãs, uma vez que os padres combatiam arduamente a favor da destruição da prática cultural da poligamia no Kongo.

1.2 A influência portuguesa e cristã no reino do Kongo

Na esfera política do reino, os conflitos internos entre os outros soberanos concorrentes ao trono eram constantes, doravante o manikongo⁵ Nzinga-a-Nkuvu, que estava no poder, carecia de mais apoios políticos externos e via nas relações comerciais com os portugueses uma oportunidade para se aliar e intensificar os seus interesses políticos. O manikongo pretendia ter armas mais sofisticadas para se proteger caso fosse atacado pelos seus principais concorrentes e inimigos. Tal como o historiador brasileiro Chantal Luís da Silva (1997) enfatiza, “o reino do Congo se mostrou muito rapidamente favorável ao Cristianismo. Os chefes congolezes (bakongo) aceitaram adotar a religião cristã, porque viam nela vantagens políticas para se manter no poder (DA SILVA, 1997, p.2).

Por causa desses interesses, o manikongo Nzinga-a-Kuvu aceitou os acordos com os portugueses, começando com a sua conversão e de toda a classe nobre ao catolicismo em 1491, mudando assim o seu nome para rei João I, pois naquela época o novo nome aportuguesado simbolizava as novas alianças, apoio militar e proteção contra os inimigos que ameaçavam o seu trono. Após o manikongo instaurar o catolicismo no reino do Kongo, os problemas de rivalidades com outros reis intensificaram e provocaram uma constante crise política entre os

⁵ Título designado ao soberano do reino Kongo.

soberanos e nobres, por causa das ingerências dos missionários e comerciantes portugueses no mercado, comércio, captura e venda dos escravizados na sociedade bakongo. O catolicismo tornou-se um elemento legitimador do poder político junto ao tráfico negreiro, influenciado por outro manikongo, D. Afonso I (neto do rei João I), que teve um papel importante na propagação da religião cristã no reino, e assim criava um discurso de escravizar os povos chamados infieis, e que não aceitavam a religião (ROBISON, 2013, p.32).

1.3 Nascimento de Dona Beatriz Kimpa Vita

Segundo o cineasta José Mena Abrantes (2009), Kimpa Vita nasceu em 1684 em uma família nobre bakongo, às margens do rio Mbidizi no extremo leste do reino de Kongo. Foi batizada com nome de Dona Beatriz, uma sacerdotisa do culto de Marinda⁶ embora tenha sido educada no catolicismo.

Para John Thornton (1998), Kimpa Vita nasceu num período de guerras em Kibangu, quando o reino fora marcado por muitas turbulências armadas. Dentre estes conflitos, destaca-se a batalha de Ambuila, que veio a enfraquecer o reino. Como destaca o historiador angolano Mbala Lussunzi, a batalha de Ambuila foi uma disputa das forças militares lideradas pelo capitão português Luís Lopes de Sequeira, e as do rei do Kongo D. António Vita-a-Nkanga, pelo controle das minas de cobre na região do Bembe, em 1665. E teve como implicações o fim da independência política do Reino do Kongo.⁷ Após a derrota dos soldados de D. António na batalha do Ambuila, o reino do Kongo passou a ser controlado politicamente pelos portugueses e essa derrota trouxe enfraquecimento no reino.

Kimpa Vita foi o nome escolhido por seus pais, sendo Vita o sobrenome de seu pai, que foi também dado para ela (THORNTON, 1998, p.18) como um símbolo para a continuidade da tradição paterna. Por ser educada no âmbito da nobreza do reino, ouvia e aprendia sobre a vida política do reino. Foi, portanto, uma menina que cresceu num período marcado por muitas tensões políticas. Sabia sobre os meandros da política complexa do Kongo, quando as notícias eram discutidas e os boatos divulgados (THORNTON, 1998, p.21).

A nobreza lhe ensinou sobre muitos aspectos, o que lhe fez ser instruída e preocupada com o desenrolar da vida política e social do reino, que enfrentava momentos difíceis naquela época. No percorrer de sua trajetória de vida, sabe-se que ela conseguiu ser uma mulher muito respeitada entre os nobres e a população do reino. E durante a sua juventude se tornou uma líder carismática de um movimento revolucionário religioso e político denominado Antonista, que

⁶ Culto aos ancestrais do reino do Kongo.

⁷ FAUSTINO e DOMINGOS, 2019, Terça, 09 de julho.

causou instabilidade político social no reino do Kongo durante o século XVII à XVIII, mas, a história conta, que antes de se tornar a líder do mesmo movimento, primeiro ela passou por um processo de encarnação com o espírito do Santo António.

1. 4 A possessão do Espírito do Santo António.

Henriques Abranches (1996) apresenta-nos uma narrativa em seu romance sobre Kimpa Vita, ficcionando uma discussão dela com um padre a respeito da encarnação do espírito do Santo António sobre a mesma. Segundo o autor da obra, nesse diálogo, o padre dizia que ela estava possuída por um espírito demoníaco. Contudo, Kimpa Vita respondia-lhe dizendo que as cruzes e crucifixos também eram símbolos de feitiços criados para encadear o povo e leva-lo a obediência. O diálogo entre os dois prossegue da seguinte maneira:

“O padre, pergunta para ela, se tu és mesmo uma mulher, criatura, como ser igualmente Santo António? A Kimpa Vita, respondeu-lhe dizendo que o Santo António foi enviado para às terras de Kongo, primeira desceu a uma mulher que vive no Nzetu e que se chama Úrsula mas a sua aldeia não o quis hospedar e o Santo António partiu e foi para o Soyo e entrou por momentos no corpo de um jovem chefe e guerreiro filho de reis mas o missionário capuchinho local quis dar a bastonada e o Santo fugiu e por fim, o Santo viajou até em Bula concretamente no monte (Kibangu ou Nzetu) e encontrou a Kimpa Vita, e o Santo se instalou nela com objetivos para ela pregar a verdadeira fé e a salvação do reino do Kongo das presas afiadas do seus Mwatas. E segundo o relato, a Kimpa Vita adoeceu após a presença do Santo sobre ela” (ABRANCHES, 1996, p.136).

John Thornton (1998) nos traz uma narrativa semelhante aos outros autores, acerca dessa encarnação do Espírito do Santo António sobre ela. Para o autor, Kimpa Vita foi possuída pelo Espírito do Santo António, em agosto do 1704, quando ela estava com apenas vinte anos de idade e recebeu uma mensagem por meio de uma visão:

Eu sou Santo António, filho primogénito da fé e de São Francisco, a quem fui enviado de Deus à vossa cabeça para pregar ao povo. Você deve mover a restauração do Reino do Kongo para frente, e você deve dizer a todos que o ameaçam que terríveis punições de Deus os esperam (THORNTON, 1998, p. 10).

Thornton (1998)) ainda prossegue que, quando aconteceu essa visão, Kimpa Vita encontrava-se gravemente doente em cima de sua cama. “Durante sete dias ela esteve doente. (...) ela sabia que agora estava morrendo” (THORNTON,1998, p. 10 - 11). Após a possessão, a vida da Dona Beatriz tornou-se diferente e os seus interesses com relação à política se fortaleceram. Kimpa Vita quis travar embate com o tráfico negreiro, trazer um catolicismo

mais africano e restaurar a paz, daí surgiu a necessidade de fundar um movimento revolucionário que serviu como resistência às crenças religiosas advindas da igreja Católica Romana vigente no reino do Kongo. Dona Beatriz, durante um comício com os seus seguidores no monte Kimbangu, exigiria, então, a restauração do Reino com o seu famoso grito de Yari, Yari ou kiadi (em português: misericórdia) e dotou-se dos meios para o seu projeto, liderando o movimento dos Antoninos, do nome de Santo António (Santo da Fertilidade e da Abundância), reencarnado nela⁸.

1.5 Movimento revolucionário: entre o político e o religioso.

Para entender melhor a relação da encarnação de Santo António em Kimpa Vita é preciso pensar no conceito de hibridismo. Leila Lima de Sousa, que trabalha com o processo de hibridação cultural, apresenta o processo de hibridação a partir da cultura dos povos nativos, classificada como popular, e a cultura de uma elite, classificada como erudita (SOUSA, 2012). A autora explica que a hibridação foi a garantia da sobrevivência da cultura nativa por meio de um processo de uma espécie de modernização entre as culturas. O hibridismo cultural, baseado na autora, traz consigo a ruptura da ideia de pureza. É uma prática multicultural, possibilitada pelo encontro de diferentes culturas.

Portanto, no reino do Kongo apesar de existir o choque entre as culturas, notou-se que o povo não quis perder as suas raízes culturais/espiritualidades por causa do catolicismo. Por isso, por meio das suas espiritualidades romperam com o Catolicismo europeu, fundando alguns movimentos religiosos para combaterem-no, criando os seus próprios dogmas. O movimento religioso proposto por Kimpa Vita pode ser pensado como híbrido, pois fez uma releitura do catolicismo ao mesmo tempo em que inseriu elementos das espiritualidades locais nos rituais católicos. Esse movimento conseguiu influenciar uma grande massa, que na concepção de José Mena Abrantes (2009), provocou uma instabilidade nesse período na própria dinâmica do tráfico negreiro atlântico.

Assim, numa visão mais ampla sobre a imposição do catolicismo, Marina Melo e Souza (SOUZA, 2002), defende que a religião desenvolvida durante os primeiros duzentos anos no Kongo foi um catolicismo africano. Pois, se os portugueses viam na fé da população no crucifixo o reflexo da sua religião, na verdade, para os bakongo era uma nova forma de lidar com os velhos conceitos tradicionais. Para John Thornton (1998), o movimento não era somente

⁸ SOUNDUOLA, p.3, 9 a 22 de Julho, 2012

religioso, mas também político, porque foi, de certa forma, contra o comércio do tráfico negreiro, já que denunciava também diretamente a ação dos capuchinhos nessa dinâmica.⁹

Kimpa Vita não apelava somente para a reunificação do reino, como também defendia um cristianismo mais africano, afirmando que Cristo nascera em São Salvador, a verdadeira Belém, e recebera o batismo em Nsundi, a verdadeira Nazaré. Continuava ainda, afirmando que Maria era negra, filha de uma escrava ou criada do Marquês¹⁰ de Nzimba Npanghi, e que São Francisco pertencia ao clã do Marquês de Vunda (ABRANTES, 2009). Portanto, Kimpa Vita foi tão estratégica que, para Patrício Batsíkama (2021), o seu movimento travou várias batalhas e recebeu apoio do general dos exércitos, Pedro Constantino, com milhares de novos membros. Batsíkama afirma ainda que:

De fato, face ao caos que reinava no Kôngo, Dona Ñsîmba Vita restabeleceu a pré-ordem política pelo fato de ter reinstalado o Poder autônomo ao Tribunal Supremo e Conselho eleitoral em Mbânza Kôngo. Reabriu a cidade capital à economia e à normalidade social e militar (BATSÍKAMA, 2021, p. 58).

Portanto, é preciso aqui deixar claro ao leitor que um dos principais objetivos do movimento era denunciar e depois travar conflito com o tráfico de escravizados no reino, pois este provocava enfraquecimento na produção econômica no reino e ao mesmo tempo uma instabilidade política naquela época. A sua popularidade aumentou ainda mais, quando as pessoas ouviam que ela curava as enfermidades e previa o futuro (BATSÍKAMA, 2021). Portanto, Kimpa Vita começou a desafiar às autoridades locais com as suas intenções, no que concerne a emancipação das espiritualidades do Kongo, tal como relata Patrício Batsíkama:

A doutrina que Dona Beatriz instalou, apresenta ruptura quer na leitura teológica, quer na prática social, de modo que irá influenciar o comportamento social. A maior ruptura é a sua visão sobre destribalização e desracismo da salvação. Diz a profetisa: «no Dia do juízo Final, Deus não me perguntará se sou do Kôngo. Ele olhará, isso sim, para transparência da minha alma» (BATSÍKAMA, 2021, p.55).

Portanto, podemos perceber que a partir das diversas pregações da Kimpa Vita, de forma corajosa e sábia, denunciava o catolicismo como segregador e ao mesmo tempo causador dos conflitos étnicos no Kongo. E com todos esses acontecimentos em volta da religião, os padres viam Kimpa Vita como uma desviante e causadora da instabilidade social. Portanto, os Capuchinhos a serviço do Papa, em destaque o Frade Bernardo De Gallo, vão se declarar como

⁹ Padres religiosos católicos de um ramo da Ordem de São Francisco.

¹⁰ Marquês foi uma denominação trazida pelos portugueses e que foi distribuída pelos portugueses entre os chefes locais conforme interpretação da função social do chefe nessa sociedade. Mfumu poderia ser uma das palavras utilizadas por eles mesmos em alguns desses casos.

os inimigos da profetisa Kimpa Vita, e toda comitiva que morava na região foram os responsáveis por sua perseguição. Desta forma, ela passou a ser uma ameaça para a elite bakongo, comerciantes e padres, pois estavam implicados no tráfico, além do fato de naquela época o reino do Kongo era um ponto muito estratégico para os portugueses no que concerne ao tráfico de escravizados. Assim, o movimento vai ser duramente reprimido pelas autoridades religiosas e políticas do reino dirigido e influenciado pelos capuchinhos, representantes da coroa portuguesa e do vaticano.

Para os nobres que estavam envolvidos com o tráfico, ela fomentava instabilidade no reino; para os comerciantes, ela atrapalhava o negócio de tráfico de escravo, à medida que criticava a corrupção; para os militares, as pessoas que a seguiam “só serviam mesmo para receber ordens e fazer trabalhos de bestas para a classe dominante”, enquanto para os capuchinhos, Kimpa Vita era uma herege, pois afirmava estar possuída pelo espírito do Santo Antônio (ABRANTES, 2009, p. 40). Segundo John Thornton (1998), por ser violentamente reprimida pelas autoridades religiosas e políticas no Soyo, Kimpa Vita persuadiu os fiéis a recorrer as montanhas de Kibangu para se esconder das perseguições. Para Vita, o monte Kibangu representava um lugar de paz, visto que a montanha se encontrava na sua cidade natal. Por essa razão, ela gostava muito de se refugiar neste local com os seus seguidores, e desta forma, ao abrigar o movimento neste local, acabava atrapalhando o tráfico negreiro.

Portanto, segundo José Mena Abrantes (2009), Kimpa Vita passou a ser uma ameaça para o regime do tráfico negreiro e para a Igreja Católica. Com todas essas repercussões, Vita se tornou o alvo principal a ser capturada e eliminada, segundo o sistema daquela época. Após várias tentativas de capturas pelos capuchinhos, Kimpa Vita foi encontrada no monte Kimbangu, e para o espanto dos padres capuchinhos, conforme Batsikama (2021), Vita estava com uma criança no colo. Após vários interrogatórios, respondeu que “não posso negar que seja meu filho. Mas como eu o concebi, eu não sei. Mas, sei apenas que ele veio do céu e que será o salvador do meu povo (BATSIKAMA, 20021, p. 66 - 67). Além de a depreciarem pelo fato dela se considerar grande líder espiritual Kongo, se esforçaram em debater ponto a ponto a validade das suas doutrinas e conceitos da espiritualidade Kongo.

Portanto, na tentativa de silenciá-la, os capuchinhos aplicaram os discursos e práticas da santa inquisição com a ajuda de algumas dinastias reais aliadas do Kongo, e de algumas linhagens governamentais das províncias do Soyo. Com isso, construíram uma imagem dela de herege, por ser católica desde a sua infância até a fase adulta (SANTOS, 2011). Para Simão Soundoula (2012), após vários interrogatórios, a sentença foi tomada e Kimpa Vita condenada a morrer na fogueira como herege do catolicismo aos seus 20 ou 24 anos de vida.

Essa sentença foi executada em 1706, numa fogueira ardente, onde foram queimados ela e seu “anjo da guarda”. Contudo, há uma contradição com relação ao fim do seu filho, pois conforme Batsíkama (2021) a criança sobreviveu, mas a tradição religiosa aponta que foi queimado com a mãe (BATSÍKAMA, 2021, p. 69). Enfim, o fato triste é que Kimpa Vita, por denunciar o tráfico negreiro, fazer releitura do catolicismo e querer restaurar a paz no reino Kongo, fora morta carbonizada numa praça pública. Com a morte de Kimpa Vita, a captura dos bakongo para o comércio de tráfico de escravos se intensificou nas aldeias, e o que os missionários e comerciantes estrangeiros julgavam que seria o fim do movimento Antonista, se tornou um pesadelo, conforme Patrício Batsíkama, que ao parafrasear o padre Lorenzo da Luca, afirma que:

Após a sua morte, os antonianos, longe de voltarem para resipiscência, tornaram-se mais obstinados do que nunca. Eles publicaram que a mulher venerada por eles como santa (Ñsímba Vita) apareceu no topo das árvores mais altas de San Salvador (CUVELIER, 1953, p.237-238 apud BATSÍKAMA, 2021, p. 63).

Portanto, após essas narrativas da aparição de Dona Beatriz Kimpa Vita, o movimento antonista vai dar continuidade a outros movimentos messiânicos negros, citados por M’bokolo (2011) como resistentes à invasão colonial nos mesmos territórios. Podemos inquirir que esses tipos de movimentos messiânicos contra hegemônicos continuam até os dias de hoje, tanto em Angola como na República Democrática do Congo, a exemplo do Tocoísmo, liderado por Simão Toco, e o Kimbanguismo na República do Congo, liderado por Simon Kimbangu. Para Elikia M’bokolo (2011), esses movimentos desempenharam papel importante na sociedade, na tomada de consciências e das injustiças perpetradas pelo poder colonial no antigo Congo Belga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das atrocidades que Kimpa Vita sofreu por seus posicionamentos políticos e estratégias de disputa de poder através do controle da narrativa religiosa, bem como sofrimentos diversos impostos ao povo bakongo e os demais reinos circunvizinhos, sobretudo devido a intensificação do tráfico negreiro transatlântico, é ainda hoje lembrada e reverenciada, não apenas em Angola, mas também na diáspora brasileira, tendo influenciado concretamente algumas comunidades de Santo Amaro/Bahia, que conheci pessoalmente. É referenciada como uma líder ancestral que não se calou diante das imposições religiosas, e venerada na diáspora

como santa mama Kimpa Vita, por defender e morrer pelos seus semelhantes. Em suma, a coragem e a resistência da Dona Beatriz Kimpa Vita transformaram-na em um símbolo histórico nacional de Angola, referência como símbolo de resistência para as gerações vindouras. Por isso, deve continuar a ter sua história contada, como forma de lhe atribuir a devida importância, seja na tradição oral, seja dentro do ensino de história do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Henrique. **Misericórdia para o reino do Kongo!** Publicações Dom Quixote. Luanda. 1996.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org). **Metodologia e pré-história da África. História Geral da África, Vol. I.** São Paulo: Ática, 1982, p. 181-218.

BATSÍKAMA, Patrício. **Dona Beatriz Nsímbe Vita.** Aracaju: Ancestre. 2021.

FAUSTINO, Silvino; NICODEMOS, Paulo. “Ambuila” marca o fim do Reino do Kongo. **Jornal de Angola/Sapo.** Terça, 09 de julho/2019.

KILALA, Damião Adriano. A religião Kingunza na Angola Contemporânea. Dissertação (Mestrado em História Social) – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL, Universidade Federal do Maranhão, UFM, São Luís. 2016.

M’BOKOLO, Elikia. **África Negra–história e civilizações: tomo II (do século XIX aos nossos dias).** Salvador: EDUFBA; São Paulo: casa das Áfricas, 2011.

MENA, José Abrantes. **Kimpa Vita: A profetisa ardente.** Belo Horizonte: Nandyala. 2009.

OLIVEIRA, Gonçalves Robison. (Des) naturalizando “os nossos naturais”: poder político e escravização no Kongo, a época de Afonso I Mwemba Nzinga (1509-1543). Porto Alegre. 2013

OLIVEIRA, Larissa Gabarra e. **O reino do Congo no império do Brasil: memórias do Congado em Minas Gerais, século XIX.** Tese (Doutorado em História Social da Cultura) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. 2009.

RIBAS, Óscar. **Ecos da minha terra.** Luanda: Editora Maianga. 1952.

SANTOS, Tahinan da Cruz. Denúncias Inquisitoriais Na África: Rituais Negros Em Congo e Angola no Século XVII. **Anais do Anais Eletrônicos – Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais: história e historiografia.** Bahia. 2011.

SILVA, Chantal Luís da. Jogos e interesses de poder nos reinos do Congo e de Angola nos séculos XVI a XVIII. Paris. 1997

SOUNDOULA, Simão. Novo romance histórico publicado em Paris 306º aniversário da morte de Kimpa Vita Cultura. **Jornal de angolano de artes e letras.** Luanda: 9 a 22/julho/2012

SOUSA, Leila Lima de. O processo de hibridação cultural: prós e contras. **Revista Temática**. V. 9 N. 3, p.1-8, 2012.

SOUZA, Marina de Melo. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação do Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

THORNTON, John K. **The Kongolese Saint Anthony: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684–1706**. Cambridge: University Press, 1998.

VANSINA, Jan. **A Africa equatorial e Angola: as migrações e o surgimento dos primeiros Estados**. In: NIANE, Djibril Tamsir (Org). História geral da África, África do século XII ao XVI. – 2.ed. rev. – Brasília, 2010, v.4, p.623-653.

Recebido em: 23/03/2021

Aprovado em: 10/05/2021